

## O “SE-MOVIMENTAR” COMO UMA EXPERIÊNCIA DO VIVER: UM OLHAR A PARTIR DA SEMIÓTICA PEIRCEANA

Bruna Eliza Paiva  
Mauro Betti

Este estudo visou apresentar uma concepção de Educação Física escolar que evidenciasse as intencionalidades de todos os seres envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, a fim de conduzi-los a uma conduta mais sensível/humana no mundo. Tal concepção se demonstra pertinente, pois a Educação Física escolar parece ter esquecido a sua função essencial: educar para formar cidadãos críticos capazes de lutar pelos seus direitos, principalmente o direito de viver, isto é, sentir. Apesar de reconhecermos o caráter epistêmico envolvido no distanciamento entre teoria e prática, o que dificulta “colocar” em prática alguns conceitos, entendemos que é papel dos professores a problematização fundamentada sobre sua prática, a partir de seu envolvimento e paixão pelo ensino e por sua vontade de transformar o mundo, de modo que, para tal, é preciso uma conduta consolidada na experiência de Ser humano que sente. A metodologia utilizada para a realização deste estudo foi a pesquisa teórica na qual procuramos discutir as idéias de E. Kunz e relacioná-las com alguns conceitos da Semiótica de C. S. Peirce. O primeiro autor, baseado na fenomenologia de Merleau-Ponty, nos apresenta uma concepção que valoriza o sentir ao fundir o ser que se movimenta ao seu movimento, isto é, o “Se-movimentar”. Além disso, considera as intencionalidades do sujeito e os sentidos/significados atribuídos ao seu movimento, estes que formam a base de compreensão de “Mundo do Movimento”, isto é, o mundo das possibilidades do Se-movimentar, garantindo-lhes uma maior participação na construção da Cultura Corporal de Movimento. O segundo autor, Peirce, através do conceito de semiose (produção sígnica), explica a construção de conhecimento, visto que todos os sujeitos estabelecem relações interpretantes entre os fenômenos do mundo (objetos) e as representações mentais destes fenômenos (representamen) de modo a constituir um signo, uma significação, conhecimento. Desta forma, dado o fato de cada indivíduo determinar relações interpretantes diferentes, torna-se possível a realização de gestos não codificados. Além disso, quando atrelados ao trânsito pelas categorias da experiência - primeiridade, estado de qualidade de sentir sem percepção, um estado espontâneo e livre; secundidade, presentidade na qual o choque interno ocorre perante as percepções sentidas no mundo; terceiridade, abstração e conceituação dos fenômenos - permitem a concretização do Se-movimentar. Portanto, é preciso estimular o fluxo de semioses dos alunos a partir de um Se-movimentar baseado na experiência do viver. Por fim, os professores devem estar dispostos a questionar suas crenças baseando-se no método científico, este que caminha sempre em busca da “Verdade”, que é única e Real.

**Palavras-chave:** Educação Física escolar; Semiótica de C. S. Peirce; Se-movimentar.

Linha de estudo:

Saberes e competências para intervenção docente em Educação Física

Bruna Eliza Paiva  
Departamento de Educação Física – Faculdade de Ciências - Universidade Estadual Paulista –  
UNESP - campus de Bauru.  
Rua Conselheiro Antonio Prado, 6-42, Higienópolis  
17 013-208 Bauru-SP  
[busjk@hotmail.com](mailto:busjk@hotmail.com)

Mauro Betti  
Departamento de Educação Física – Faculdade de Ciências - Universidade Estadual Paulista –  
UNESP- campus de Bauru  
Avenida Engenheiro Luiz E. C. Coube, 14-01 – Vargem Limpa  
17017-336 Bauru-SP  
[mbetti@fc.unesp.br](mailto:mbetti@fc.unesp.br)

## INTRODUÇÃO

A tendência atual na prática pedagógica da Educação Física da escola tem sido um tanto quanto diversificada. Se analisarmos a questão do conteúdo, por exemplo, ora aparece o professor que “joga” a bola para os alunos, ora é visto aquele professor “treinador” e por fim, quando temos sorte, encontramos alguns que conseguem explorar adequadamente os conteúdos da Cultura Corporal de Movimento. Tal fato aponta para a superação de alguns “paradigmas” atribuídos à Educação Física, os quais estão sendo superados tendo em vista a vasta produção teórica que se deu a partir da década de 1980, citada por Kunz (2006) como os anos de transformação e esperança para a Educação Física brasileira, quando foram substituídos os conhecidos “manuais” por proposições teórico-metodológicas. É o caso de Betti (1991, 1992a), Bracht (1999), Freire (1991), Kunz (1991, 1994), Soares et al (1992), Tani (1987, 1988), entre outros. Estes autores, baseados em perspectivas variadas, apresentaram uma concepção de Educação Física escolar que em alguns aspectos se distanciaram e em outros se aproximaram.

Entretanto, como apontado por Betti (1992b) a prática nem sempre pôde acompanhar a teoria. O autor coloca-nos um problema epistêmico sobre esse assunto: a diferença do *saber da experiência profissional* e do *saber do conhecimento*. Para elucidar, Betti (1992b, p. 242) nos esclarece que “pesquisadores e profissionais trabalham em diferentes comunidades epistêmicas, pensam e agem diferentemente [...] a linguagem da pesquisa – formal e codificada – também não é a da linguagem da prática – cotidiana e informal”. Porém, por mais que sejam saberes distantes, deveriam estar conectados durante toda e qualquer ação pedagógica se desejamos visualizar uma concepção diferente da Educação Física também na prática – e não só na teoria, como vem acontecido.

Não há como desejar uma melhoria educacional sem problematizar constantemente a prática – papel este que cabe a todos, inclusive aos professores das escolas, para que se entendam as causas dos problemas e não se limite à busca de pseudo-soluções que apenas os amenizam.

Embora tal questão esteja relacionada aos *saberes escolares* necessários para que um professor seja considerado “bom” (classificação que é subjetiva, e, portanto implica *valores* pessoais, os quais não nos obrigamos a explicitar), é importante reconhecer, antes de qualquer coisa, que para existir uma boa prática pedagógica é preciso haver *paixão* no ato de ensinar; *envolvimento* do professor; que este *sinta* importância de seu papel; que queira, antes de tudo, *transformar* o mundo.

As pesquisas ficaram tão preocupadas em explicar detalhes e os professores tão preocupados em ensinar detalhes<sup>1</sup> que muitas vezes se esquecem da sua função maior: educar para formar cidadãos críticos capazes de lutar pelos seus direitos, principalmente o *direito de viver*. Quando dizemos *viver*, não nos referimos apenas ao direito à moradia, educação, informação, trabalho, alimentação, saúde e etc., mas, sobretudo, o sentido puro de viver, que de uma maneira ou outra acaba por implicar o verbo *sentir*.

Transformar o mundo, por mais que pareça uma tarefa impossível, garante-se nas pequenas mudanças. Por exemplo, deixar que a criança viva seu momento ao invés de prepará-la a cada instante para o que ela viverá no futuro - esta seria uma boa conduta na ação pedagógica. Mas o que vemos são crianças sempre em preparo para algo: ensino médio, vestibular, empregos... E é assim que o “presente, o real, o que existe, não existe, não é para ser vivido; o passado é aquilo que se deixou de viver e o futuro é o que nunca chegará.” (FREIRE, 1991, p.17).

Atrelado diretamente à Educação Física, que por muito tempo teve como objetivo fundamental a execução de gestos esportivos corretos, o *sentir* viria resgatar a existência do sujeito, este que foi trocado *pelo seu movimento*.

Entendendo desta forma, o importante não é *quem* o indivíduo é ou o que *ele* sente na realização de seus movimentos, mas sim qual o rendimento de tais movimentos ou quais magnitudes seriam alcançáveis através do movimento do sujeito. Ou seja, existe um “recorte” do movimento do

---

<sup>1</sup> Os “detalhes” do pesquisador referem-se a discussões sobre problemas como conseqüências e não como causa. Tal causa é possível alcançar via lógica, um ramo da filosofia que utiliza de métodos investigativos atrelados ao ato de raciocinar. Já os “detalhes” dos professores é a presença da correção dos gestos em busca do gesto ideal, comumente o gesto codificado.

sujeito e análises do desenvolvimento motor feitas *a posteriori*. E como já dito por Freire (1991, p.32): “convém lembrar que estamos falando de seres vivos, e mais, de seres humanos, o que tornaria impossível essa precisão matemática na análise do desenvolvimento”.

Portanto, não seria melhor falar em sentir os movimentos que realizo durante uma partida de voleibol; sentir o desejo de participar daquela brincadeira; sentir o vento e o movimento do meu braço durante um arremesso no handebol; sentir raiva ao ver alguém excluindo uma pessoa menos habilidosa em determinada modalidade esportiva; sentir meu corpo estremecer em uma dança...?

Se couber à escola retomar o valor de viver, cabe diretamente ao professor concretizar tal feito, mas para isso, é preciso fundamentalmente que este professor saiba *sentir* em sua vida e seja *sensível* às situações. Ou seja, de nada adiantam os conhecimentos teóricos que *dizem* como se deve fazer, pois aí a função das proposições teórico-metodológicas estariam sendo as mesmas dos ultrapassados “manuais”<sup>2</sup>, e deixariam assim de funcionar como *conhecimentos para a vida*, ou seja, colocadas *em ação*. Ação, a qual envolve condutas em todos os momentos da vida deste “Ser Humano-professor”.

A fim de promover uma reflexão sobre a importância do professor no processo de produção do conhecimento “sensível” na educação, Santin (1987, p.29-30) nos aponta que:

As mudanças no mundo da ação humana só acontecem quando precedidas pelas mudanças no mundo do pensamento. Isto porque todos nós sabemos que a ação humana é determinada e guiada pelas nossas idéias e pensamentos. Estas idéias, guias de nosso agir, surgem da compreensão que temos do mundo que nos envolve e de nós mesmos.

---

<sup>2</sup> Não que os manuais não tenham nada a acrescentar, pelo contrário, quando utilizados por um professor que o utiliza como forma de aumentar seu *repertório* ou ter novas idéias a partir deles, tornam-se bastante importantes.

## **OBJETIVO e JUSTIFICATIVA**

Este estudo não pretende apontar “como” o professor deve agir na sua prática pedagógica e sim, apresentar uma concepção que evidencie as intencionalidades de todos os seres envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, a fim de conduzi-los a uma conduta mais sensível no mundo.

Deste modo, uma valorização dos seres humanos implica em resgatar o sujeito, e resgatar o sujeito implica a visualização de suas singularidades e alteridades (GOMES-DA-SILVA, 2007). Partimos do entendimento de *experiência* como forma de *sentir* o mundo, um saber necessário a todos que pretendem ser educadores um dia.

## **METODOLOGIA**

Trata-se, esta, de uma *pesquisa teórica*, a qual, segundo Demo (1989, p. 13) dedica-se a “formular quadros de referência, a estudar teorias, burilar conceitos”. A pesquisa teórica interpreta os autores/textos, dialoga com eles, toma posição própria a respeito das idéias enunciadas, explora sua fecundidade, formula um juízo crítico levando em conta a coerência interna dos textos, sua originalidade, alcance, validade e contribuição que dá à discussão do tema/problema (SEVERINO, 1996).

Trabalhamos com as idéias do “Se-movimentar” e “Mundo de Movimento” recuperadas por E. Kunz (1994, 2006), relacionando-as com a Semiótica de C. S. Peirce (1975, 1983, 1995)<sup>3</sup> principalmente no que diz respeito às “categorias da experiência”, considerando os conceitos que complementam dão forma a esta idéia: “teoria dos signos” e “semiose”.

## **OS CONCEITOS**

Antes de adentrar à temática, é importante apresentar alguns conceitos que estarão presentes na discussão.

Kunz (1994, 2006), com base em autores holandeses e alemães e, sobretudo, na fenomenologia de Merleau-Ponty, eleva o sujeito ao

---

<sup>3</sup> Obras importantes da literatura brasileira também foram consultadas: Santaella (1983, 2004) e Ibrí (1992)

grau primeiro de importância, pois “ninguém pode isolar o movimento dos objetos ou do ser que se-movimenta” (KUNZ, 2006, 78).

Ou seja, considera o autor, que em análises de *movimento humano* os objetos a serem analisados não devem ser os movimentos unicamente, mas também, o “sujeito que se movimenta, a situação ou contexto em que o movimento é realizado e o significado ou sentido relacionado ao movimento” (KUNZ, 2006, p.79). Para os mais “biologicistas”, “fisiologistas” e estudiosos do comportamento humano talvez isto não se apresente como ponto fundamental para se questionar, mas para a área pedagógica já se trata de um conhecimento de caráter emergencial. O novo olhar para o sujeito, traduz-se pelo conceito da expressão alemã “Sich-bewegen” que significa “próprio-movimento” sendo difundida em português, a partir de Kunz, como “*Se-movimentar*”.

Essa atribuição de destaque ao sujeito aplica-se também à idéia de “*mundo do movimento*”, por meio da qual o sujeito está sempre e inteiramente presente/inserido, de modo que é no *Se-movimentar* que ele interage e compreende o mundo, já que este último é “sempre um mundo vivido, que se vive, e por isto, o movimento que realizamos não pode ser entendido como simples reação a estímulos e conseqüências de determinadas forças ou energias” (KUNZ, 2006, p.79). Nossos movimentos, portanto, apresentam *intencionalidades* e estas se manifestam através do *Se-movimentar*.

Estas intencionalidades fundamentam-se no *sentido/significado* que cada sujeito possui, originados da sua *experiência*<sup>4</sup> no mundo. O problema que percebemos na ação pedagógica é que os professores impossibilitam a heterogeneidade destes sentidos/significados, buscam cada vez mais igualar estes pensamentos (que se sucederão em ações). E assim, juntamente com o “bombardeio” das informações midiáticas, o pensamento se “igualifica” impedindo a autonomia de um pensar e de um agir singular.

Para exemplificar, temos que todo esporte acaba por ter como objetivo (sentido/significado) para qualquer participante a busca da vitória. O pensamento de vencer é predominante, portanto, as ações para isso também

---

<sup>4</sup> Adiante exploraremos este conceito via Semiótica peirceana.

se dirigirão. Mas, é possível que o esporte não tenha este objetivo? Não. Entretanto, o esporte possui muitos outros sentidos que serão inibidos, enquanto houver pensares e agires hegemônicos, que se sobrepõem a quaisquer outros.

Este sentido/significado singular, relacionado ao “Se-movimentar” permitindo uma interação com o mundo, possibilita a participação do sujeito na construção da Cultura Corporal de Movimento, caracterizando a cultura como processo e não só como produto.

Para melhor compreender este ponto, temos que adentrar à ciência dos signos e significados proposta pela Semiótica peirceana, que abrange todo e qualquer tipo de linguagem, incluindo, a “linguagem” corporal e, portanto, apresenta relações com a Educação Física.

## **A SEMIÓTICA PEIRCEANA**

Charles Sanders Peirce (1839-1914), norte-americano, graduou-se em 1859 em física e matemática pela Universidade de Harvard. Além destas áreas, Peirce se dedicou a outras inúmeras áreas da ciência, como a astronomia, química, lingüística, psicologia, história, lógica e filosofia. Estas duas últimas áreas concederam-lhe o cargo de conferencista na Universidade Johns Hopkins. (PEIRCE, 1983)

Apesar de tantas qualidades intelectuais, Peirce não obteve equivalente prestígio em sua vida acadêmica tendo em vista que suas publicações se deram unicamente nas revistas *The Monist* e *Popular Science Monthly*, não se aproximando da totalidade de sua produção que se estende a no mínimo 70.000 páginas manuscritas. Seu talento para escrita vai desde novelas como até grandes teorias, sendo estas de alta complexidade de escrita. (NETTO, 1983; PEIRCE, 1975)

Dentre as suas maiores contribuições destacam-se o pragmatismo e a teoria dos signos, que evidenciaram seu talento para a lógica, esta que foi entendida por Peirce, a partir de Santaella (2005, p. XII), como “teoria geral, formal e abstrata dos métodos de investigação utilizados nas mais diversas ciências”.



Assim, instiga-nos a refletir o fato de que o homem deseja interagir com o mundo, fato que o faz comunicar e, para tanto, foi preciso que se estabelecesse uma série de símbolos orais e escritos para cada tipo de coisa em inúmeras línguas. Estes seriam os *códigos*, que também estão presentes na Educação Física; entretanto, não deveriam ser o fim das aprendizagens da Educação Física, e como Gomes-da-Silva, Sant'Agostino e Betti (2005, p.37) afirmam: “o objetivo não deve ser apenas chegar às formas institucionalizadas/codificadas de movimentar-se [...], porém, abrir espaço também para novas mensagens gestuais, imprevistas, inusitadas.”

Mas aí surge o problema: Como fazer com que os alunos criem “novas” mensagens gestuais? Poderíamos responder esta resposta a partir da idéia de Peirce sobre as *categorias da experiência (primeiridade, secundidade e terceiridade)* e também com o conceito de *semiose*.

Sobre as categorias da experiência, temos a *primeiridade* um estado de qualidade na qual “sentir” é o único verbo a ela associado. O sentir sem nenhum tipo de consciência simbólica de que tipo de sentimento se trata. É um estado espontâneo e livre de qualquer conhecimento anterior. A partir do momento em que percebemos esta sensação, deixa de ser primeiridade e, portanto esta é entendida “sem qualquer sentido de começo fim ou continuação” (GOMES-DA-SILVA; SANT'AGOSTINO; BETTI, 2005, p. 30). Já a *secundidade* caracteriza a presentidade, o momento atual. Ocorre um choque interno em relação às percepções do mundo. É o estado momentâneo do viver. Por fim, para se tornar *terceiridade*, é preciso haver reflexão e interpretação, com base nas categorias anteriores. É, portanto, “uma experiência cognitiva que possibilita a generalização, a lei geral [...]” (GOMES-DA-SILVA; SANT'AGOSTINO; BETTI, 2005, p. 31).

Estas experiências se fundem durante os momentos de nossa vida, e a Educação Física precisa possibilitar seu aluno o trânsito por essas categorias, e não apenas partir de conceitos *a priori* (terceiridade) para atingir o “Se-movimentar”, mas principalmente partir da ação vivida para atingir as abstrações desejadas. Assim, partir da primeiridade para alcançar a terceiridade, ou seja, fazer o aluno sentir de um modo “explorador” as *possibilidades* de significado de um dado gesto o que talvez lhe possibilite

novos olhares na sua relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo. E é esta exploração, provocadora de produção sógnica, que permite a construção de conhecimento.

Para esclarecer as idéias anteriores, é importante esclarecer o que é signo. Signo ou *representamen*, para Peirce “é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para algo ou alguém” (PEIRCE, 1975, p. 94) sendo que o fato de Peirce enxergar o signo desta forma permitiu que *tudo* pudesse vir a ser um signo.

Uma relação interpretante estabelece-se entre o objeto e o *representamen*. Este interpretante aparece como um novo signo para nós. Ou seja, uma significação atribuída àquele signo anterior. E este fluxo de signos que geram novos signos a partir de uma relação interpretante<sup>5</sup>, denomina-se *semiose*, esta que é a produção de conhecimento propriamente dita.

É importante deixar claro que nós, seres humanos construímos a idéia de mundo e dos objetos (reais ou imaginários) através do *representamen* (ou signos) destas coisas. Esta relação entre o objeto em si e a representação do objeto, *representamen*, chama-se *interpretante*. Ao “criar” esta relação estamos criando um novo signo ou *representamen*. Esse é o *fluxo da semiose* que nos faz interagir incessantemente com o mundo por meio de todas as linguagens. Gomes-da-Silva, Sant’Agostino e Betti (2005) evidenciam como a existência de um único signo pode gerar outros signos, e estes que podem também provocar a geração de outros signos de maneira simultânea, pois nós, seres humanos, somos capazes, por exemplo, de ver, pensar, agir e falar ao mesmo tempo.

Neste sentido, torna-se importante estimular o fluxo de semioses dos alunos (e também em nossas vidas) e não interrompê-lo. Pois será desta forma que os alunos poderão ser vistos como produtores de conhecimento e não só como reprodutores dos códigos corporais já estabelecidos em nossa Cultura. (GOMES-DA-SILVA; SANT’AGOSTINO; BETTI, 2005).

---

<sup>5</sup> Não confundir com “intérprete”.

## DEBATE CONCLUSIVO

A partir destes conceitos, podemos perceber que na experiência do “Se-movimentar” dos sujeitos é possibilitado a produção de conhecimento a partir dos signos codificados e não codificados, o que permite a participação dos sujeitos na construção da Cultura e não apenas a repetição dos gestos já realizados/ codificados. É nesse sentido que afirmamos que o Se-movimentar deve ser percebido como *signo*; como *gesto expressivo*.

Para colocar “em prática” tais reflexões, é preciso que o professor se permita agir com criatividade em suas aulas, de modo a “quebrar” as possíveis barreiras que irá encontrar durante seu confronto com a prática (FREIRE, 1991, 66-67), que encare a escola e também sua vida como um “laboratório” sabendo avaliar qual é a melhor maneira de agir. Este agir está diretamente ligado à *crença* sobre determinadas questões, pois é a partir das crenças que as ações se concretizam e se repetem, originando, assim, um *hábito*, isto é, não se trata novamente de *interpretar* o papel do professor, mas sim *viver* este papel, e outros, ao mesmo tempo. Nesta vivência, a *dúvida*, estado de desequilíbrio que nos causa irritação, motivará a busca pela crença. Caberá, portanto, ao professor selecionar criticamente o *método* para encontrar sua crença (PEIRCE, 1975, p. 54-56).

É através do *método científico*, que a teoria se aproxima da prática, pois este método é o caminho para a *Verdade*<sup>6</sup>. Nas palavras de Peirce sobre esse método (1975, p.85):

Há coisas Reais, cujos caracteres independem por completo de nossas opiniões a respeito delas; esses Reais afetam nossos sentidos segundo leis regulares e conquanto nossas relações com os objetos, poderemos, valendo-nos das leis da percepção, averiguar, através do raciocínio, como efetiva e verdadeiramente as coisas são; e todo homem, desde que tenha experiência bastante e raciocine suficientemente acerca do assunto, será levado à conclusão única e Verdadeira. A concepção nova que se introduz é a de Realidade.

---

<sup>6</sup> Esta Verdade que é exclusiva de cada contexto, de cada momento e de cada situação que pode ocorrer na aula.

Ou seja, o método científico, em Peirce, não distingue a “teoria” da “prática”. Quer dizer, trata-se sempre de questionar nossas crenças e idéias (que se consubstanciam em condutas, ações) colocando-as à prova contra o Real, mediante raciocínio e experiência, para depois, compartilhá-los com todos, pois o conhecimento e a verdade são públicos.

Tal parece-nos é o desafio que deve enfrentar qualquer proposição teórico-metodológica da Educação Física que se pretenda inovadora; caso contrário, correrá o risco de tornar-se apenas mais um discurso estéril que não produz repercursões na “Realidade”.

## REFERÊNCIAS

- BETTI, M. *Educação Física e Sociedade*. São Paulo: Editora Movimento, 1991, p. 133-157.
- \_\_\_\_\_. Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física para quê? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 13, n. 2, p.282-87, jan, 1992a.
- \_\_\_\_\_. Perspectivas na formação profissional. In: MOREIRA, W. W. (Org.). *Educação física e esportes no Brasil: perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992b, p. 227-254.
- \_\_\_\_\_. O que a Semiótica inspira ao ensino da Educação Física. *Discorpo*, n.3, p.25-45, 1994.
- BRACHT, V. *Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1999, p.41-54.
- DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1989.
- FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física*. Campinas: Scipione, 1991.
- GOMES-da-SILVA, E.; SANT´AGOSTINO, L. H. F.; BETTI, M. A Expressão corporal e linguagem na Educação Física: uma perspectiva Semiótica. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, v. 4, n. 4, p.29-38, 2005.
- GOMES-DA-SILVA, E. *Educação (física) infantil: Se-movimentar e significação*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- IBRI, I. A. *Kósmos Noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo: Perspectiva/Hólon,1992.
- KUNZ, E. *Educação Física: ensino & mudanças*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1994.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia do Esporte, do Movimento ou da Educação Física. In: KUNZ, E.; TREBELS, A. H. (Org.). *Educação Física Crítico-Emancipatória*. Com uma Perspectiva Alemã do Esporte. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2006, p. 11- 22.
- NETTO, J. T. C. *Semiótica, Informação e Comunicação*. Diagrama da teoria do signo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica e Filosofia*. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix e Universidade de São Paulo, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Escritos Coligidos*. Tradução Armando Mora D´Oliveira e Sérgio Pomerangblum. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Semiótica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. Coleção Estudos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. *A Teoria Geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. 2ª edição. São Paulo: Editora Pioneira, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005
- SANTIN, S. *Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí: UNIJUÍ,1987.
- SEVERINO, A.J. *Metodologia do trabalho científico*. 20ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SOARES et al. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

TANI, G. Educação Física na pré-escola e nas quatro primeiras séries do primeiro grau: uma abordagem de desenvolvimento I. *Kineses*, v.3, n.1, p.19-41, 1987.

TANI, G. et al. *Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1988.